

MENSAGEM 116

Paris, 5 de Março de 2007

Linguagem: Um obstáculo à compreensão na consciência interna não-dual, mas um elemento essencial para a construção de ideias no campo intelectual externo.

Rabindra Nath Tagore, um poeta sábio de Bengala, escreveu para cima de seis mil profundas canções; mas, no último estágio da sua vida, lamentou o facto de não ser capaz de escrever aquela canção que muitas vezes estava vibrando, vigorosamente, dentro do seu ser!

Fragmentação fictícia entre o observador e o que é observado, entre o pensador e o pensamento, entre o controlador e o que é controlado, o “Eu”, mais a sua informação e as suas escolhas psicológicas, enreda as comunicações que ocorrem na área limitada da linguagem.

Mahatma Gandhi designou a sua autobiografia de “ experiências com verdade” e não “experiência da verdade”, como habitualmente é proclamado pelos professores apelidados de “religiosos” e de “espirituais”. A sabedoria do Gandhi revela um grandioso significado. Uma verdade fortemente reveladora destrói a estrutura da experiência dos resíduos e registos psicológicos, extermina a dicotomia entre experimentador e experienciado e faz evaporar os limites da experiência.

As escrituras sagradas tornaram-se um campo fecundo para os sistemas de crenças, fanatismos e batalhas; porque a linguagem, que é tão útil no mundo dualista externo, é totalmente inútil para gerar genuína compreensão no ser interior. Os intérpretes das escrituras começaram a gerar a confusão com os seus embustes, imposturas e hipocrisia.

O conhecimento obtido de outros, no mundo técnico, pode ser transmitido do professor para os alunos através da linguagem, formulando conceitos e ideias sem grande dificuldade. Mas como é que o conhecimento, a mutação nas células do cérebro, a fusão de fragmentações na consciência, o fogo da compreensão podem ser transmitidos? Embora o professor possa falar horas e horas, diariamente, a fim de partilhar a alegria da compreensão, com todo o amor e entusiasmo, ele continua no entanto a usar a linguagem da dualidade, originando ideias em vez de discernimento, conceitos e conclusões em vez de compreensão, formulação de conhecimento em vez de libertação do que se conhece. Haverá algum remédio?

Sim, há! “**Praanipaatenā, Pariprashnena, Sevayā** (Bhagawat Gita IV/34)”! Reverenciando, questionando inteligentemente, escutando repetidamente e cuidando de todo o coração. É assim que um discípulo pode receber a mudança radical do professor, através do processo de indução como acontece num campo electromagnético. Esta profunda sugestão antiga da Inteligência Universal (Krishna) tem sido muito mal usada pelos “Gurus” do mercado espiritual que exploram os discípulos confusos através da subserviência e governam os seus “ashrams” como campos de concentração.

O “Eu”, que está na sala de controlo do nosso cérebro, é uma ilusão. A compreensão disto oferece uma base mais sã para a moralidade, do que os conceitos de “alma” e de “Deus”, impostos e provenientes de outros. Por amor de Deus, por favor, compreendam

a vasta consciência humana comum. Não há, em lugar algum, qualquer “Eu” separado, excepto como ponto de referência, por razões práticas. Isto capacitar-nos-á para reconhecermos as necessidades básicas e os interesses de todos os seres humanos sem sermos egoístas. Esta ausência de egoísmo é que tem de ser o cerne da moralidade – e não as garantias morais apregoadas por padres e políticos sob a bandeira de Deus, o que é a sua derradeira ganância, religião que é máfia e nacionalismo que é tribalismo. A doutrina da “vida que há-de vir” desvalorizou a vida neste bela terra e tornou os humanos disponíveis para todas as espécies de perversões e paranóias. Cada momento da consciência é uma dádiva preciosa. Vivam-no em profundo estado de não-divisão e não em disputas despropositadas.

A recusa da moralidade social, religiosa, industrial e comercial não vem da esperteza do intelecto e do seu pensamento. É um escapar efectivo do padrão dessa moralidade que é imoral. Ir além deste padrão não é um acto do pensamento através da sua linguagem enganadora, mas um acto de Inteligência pela Vida.

Uma vida verdadeiramente religiosa não está dependente de qualquer sistema de crença, tal como não tem qualquer amanhã, nem qualquer expectativa. A expectativa destrói a energia da compreensão. A “condição-do-eu”¹ deve morrer naturalmente e sem qualquer esforço. A vida realmente religiosa e a sua inteligência começam nesta morte única!

O vosso deus é falso, pois é meramente o vosso medo de encarar a realidade do “Eu”!

O vosso deus é uma mentira, pois mantém-vos angustiados na solidão do “Eu”!

O vosso deus é artificial, pois suporta a auto-sustentada separação na vossa consciência como “Eu”!

A vossa meditação é apenas batalhar com pensamentos, tentando dar-lhes forma através de séries de outros pensamentos!

Sereis capazes de acordar para todos estes factos sem qualquer formulação “intelectual” através da linguagem?

JAY DAKSHINAMURTI que podia ensinar sem verbalização.

¹ “I-ness”: estado, modo de ser, natureza do eu.